

A chama da esperança

Num país com uma crise tão profunda como a nossa, o otimismo seria irresponsável mas a esperança se tornou possível. Esta é a conclusão do discurso do presidente Sarney, pronunciado na praça Santíssimo Salvador, em Campos, Estado do Rio.

O Presidente fez uma verdadeira profissão de fé na Petrobrás e no Brasil. Lembrou os passos inseguros que a empresa de petróleo deu em seu início e o papel que ela hoje desempenha em nossa vida econômica. Lembrou suas dificuldades iniciais e seu sucesso posterior. Declarou que o monopólio do petróleo é intocável e que a empresa cristaliza as esperanças do povo. Elaborou um paralelismo entre o destino da empresa e o do País. Não foi o primeiro a fazê-lo. Já, nos anos cinquenta, Foster Dulles havia assimilado o destino dos Estados Unidos ao da General Motors.

Em cada Nação existem empreendimentos que cristalizam as esperanças de progresso e de afirmação de um povo. Pouco importa que este empreendimento seja privado ou estatal, o importante é que seja captado pela opinião pública, como elemento de progresso, de satisfação de suas aspirações.

O Presidente aproveitou a oportunidade em que sancionava a lei que atribuía aos Estados e municípios royalties sobre petróleo e gás extraídos, para salientar a coerência de seu governo, no intento de restabelecer a Federação. A transferência para órgãos locais, de poder de parte dos benefícios da Petrobrás é, sem sombra de dúvidas, uma demonstração de que os esforços de descentralização dos recursos prosseguirão. Durante toda a nossa história republicana, especialmente depois de 1937, houve um processo nefasto de concentração do poder e dos recursos nas mãos do poder central. Nos

últimos vinte anos este processo se intensificou. Agora, volta-se a uma perspectiva federalista, volta-se a confiar nos poderes locais que devem receber recursos e autonomia para aplicá-los de acordo com as aspirações das populações locais.

Importante no discurso do Presidente foi o de apresentar, de forma precisa, os progressos realizados em seu governo, mas, mais importante ainda foi reconhecer que não é em um só momento que se pode corrigir erros e comportamentos negativos arraigados, suprimir os efeitos negativos da imprevisão e da irresponsabilidade.

O balanço do Presidente foi o de um dirigente satisfeito com o que realizou, mas consciente do que ainda falta fazer. Foi a antítese da demagogia, a negação da facilidade oratória. Neste sentido ele correspondeu exatamente ao que dele esperam os cidadãos responsáveis: o anúncio da realidade que vivemos.

Fazendo um primeiro balanço político do ano, o Presidente salientou a irreversibilidade de sua escolha na priorização do social. Sabedor que a superação das injustiças sedimentadas não ocorrerá num só dia, o Presidente só prometeu não se desviar do caminho que escolheu e que determinou para seus auxiliares.

Num momento político em que se constata êxitos inegáveis, mas no qual se distinguem também elementos de preocupação, a fala do Presidente foi um elemento de tranquilização para todos os que encaram o momento político com responsabilidade. Em seu discurso estão implícitos dois elementos tranquilizantes: a manutenção dos compromissos assumidos diante do povo e da sociedade brasileira e o propósito de continuar na rota da correção, responsável, das injustiças sociais.